

CELSO LAFER
Professor Titular da Faculdade de
Direito da Universidade de S. Paulo

Eduardo Lourenço é um dos grandes pensadores da nossa língua comum, que se não é uma língua internacional de comunicação, como hoje o inglês e no passado o latim, é como afirmou Fernando Pessoa – poeta-pensador que ele analisou com tanta acuidade – uma língua universal, pois é capaz de “responder na íntegra a todas as formas de expressão possíveis.” Foi nesta língua que Camões, n’Os Lusíadas, articulou, no século XVI – o do início do Brasil - a primeira expressão consciente e bem sucedida de um olhar-mundo. Foi com este olhar, como aponta Eduardo Lourenço em Nós e a Europa ou as duas razões, que os portugueses assumiram um destino de mediação e de descoberta do Outro, em consonância com a experiência articulada no poema de encontros e desencontros de povos, costumes e culturas.

Assim, convocado pela amiga instigação de Guilherme d’Oliveira Martins, creio que a melhor maneira que tenho de participar desta homenagem à relevância da obra e qualidade humana de Eduardo Lourenço é, tratando do seu olhar de encontros e desencontros, indicar, nesta mensagem, a importância da sua reflexão para o entendimento do Brasil. Com efeito, o pensamento de Eduardo Lourenço é um pensamento de mediação, de relação entre política e cultura, no âmbito da qual a literatura portuguesa é um campo para a decodificação de Portugal e de seu destino – um destino ao qual estamos vinculados pelas características da construção do Brasil.

Dizia Darcy Ribeiro, tratando da formação e do sentido do nosso país, que o Brasil é uma confluência de variadas matizes étnicas e distintas tradições culturais que, sob a regência portuguesa, deu lugar a um povo novo. Este mutante, com características próprias, está inequivocamente atado à matriz lusitana, inclusive em função da unidade da língua no vasto espaço nacional. É, assim, para valer-me da formulação de José Guilherme Merquior, um Outro Ocidente, mais pobre, mais enigmático, mais problemático, mas não menos Ocidente. Em função desta realidade, que é um dado da nossa identidade e da nossa diferença, como diria Guilherme d’Oliveira Martins, sempre entendi que uma das chaves para a compreensão do que é o Brasil passa pelo estudo da matriz cultural portuguesa.

No nosso caso a recepção desta matriz deu-se no tempo imperial português, que dilacerou o “velho tempo português”, metamorfoseou-o e instalou “Portugal e a sua cultura num espaço fechado, embora de âmbito universal”, como sublinha Eduardo Lourenço em Mitologia da Saudade.

Tempo, memória e ação coletiva integram o percurso reflexivo de Eduardo Lourenço. Sto. Agostinho, nas Confissões, aponta que o tempo passado não mais existe e o tempo futuro ainda não existe. É na plenitude do tempo presente que se conjugam o passado, pela memória, e o futuro, pelas expectativas. Na sua análise de Sto. Agostinho indica Hannah Arendt que expectativas e aspirações são instigadas pelas lembranças e pelo prévio conhecimento. Daí, no tempo presente, o papel da memória na ação voltada para o tempo futuro.

Eduardo Lourenço é um excepcional analista do tempo da “dramaturgia cultural portuguesa”, de seus grandes personagens e do significado e alcance de suas obras. O seu pensamento insere-se na linhagem crítica que modernamente passa pela Geração de 70 e de seus sucessores, como António Sérgio e António José Saraiva. A ela traz um contemporâneo sopro criativo, vigoroso e sutil no trato cultural e político das relações passadas e presentes de Portugal na Europa, configuradora da especificidade da matriz lusitana de que somos herdeiros. Nesta herança, inclui a modulação brasileira de viver “por dentro” que a nossa dimensão continental facilita num nacionalismo voltado para o assenhoreamento e defesa do vasto espaço nacional. Inclui também aspiração de universalidade, de um viver também “para fora”, ocupando um lugar próprio na vida internacional, compatível com a nossa escala. Nesta modulação menciono igualmente o fato do Brasil independente ter recriado, em escala continental na América do Sul, a singularidade linguística e sociológica e os seus desafios que, na Europa e na Península Ibérica, caracterizaram historicamente Portugal.

Concluo registrando que a obra de Eduardo Lourenço é um convite para um “parar para pensar” brasileiro da especificidade da recepção da matriz cultural lusitana, de que somos herdeiros como um Outro Ocidente. Registro, também, numa outra chave, que o seu percurso é uma admirável expressão do que Bobbio denomina a política da cultura, vale dizer, a defesa por um grande intelectual das condições da existência e do desenvolvimento da cultura. Obedece a uma preocupação com a veracidade lastreada no espírito crítico. Propõe o diálogo com muitos, articulado com a boa vontade do melhor do pluralismo da Europa da Cultura. Esta Europa da Cultura – que une e não divide e com a qual me afino – é, como diz Guilherme d’Oliveira Martins evocando Jaspers, a da Liberdade como vitória sobre o arbítrio, a da História como encontro e fator de emancipação e a da Ciência, como apelo à Verdade. No trato da política de cultura, ao modo de Ortega, Eduardo Lourenço - como muitos intelectuais brasileiros de sua geração, ao pensar o futuro do Brasil – identificou na missão do intelectual um papel de renovação e vertebração da sociedade. Nesta tarefa Eduardo Lourenço nos dá a lição de um alto magistério que associa a preocupação com o Universal, reconhecendo com argúcia a especificidade das diferenças neste mundo global em que vivemos.

Celso Lafer
São Paulo, 1/10/2008